

## O BRINCAR DAS CRIANÇAS QUILOMBOLAS DA COMUNIDADE DO GINETE

*Girlaine Pessoa Andrade*

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

*Isabel Cristina de Jesus Brandão*

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

**Resumo:** Esta pesquisa tem por objetivo analisar as brincadeiras das crianças quilombolas da comunidade do Ginete, localizada na cidade de Barra da Estiva-Bahia. O interesse pelo tema surgiu a partir da curiosidade de conhecer as brincadeiras das crianças da comunidade quilombola, da qual pertença. A pesquisa integra o trabalho de conclusão de curso que estamos desenvolvendo no Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, campus de Vitória da Conquista. Durante o percurso investigativo desta pesquisa, evidenciamos que nas brincadeiras das crianças da comunidade quilombola do Ginete há uma manifestação cultural herdada pela coletividade do seu meio, ou seja, em algumas elas externalizam o que foi apreendido no seu dia a dia ou ensinado por alguém. Para tanto, usam suas próprias expressões para mostrar o que foi internalizado, produzindo e reproduzindo de acordo com as suas experiências. Além disso, constatamos que as tecnologias, muito presentes na atualidade, fazem parte do cotidiano dessas crianças, que deixam muitas vezes de brincar, viver em interatividade e coletividade com outras crianças do seu meio e de demonstrar suas vivências para ficar assistindo TV, jogando e interagindo em redes sociais nos celulares ou tablets. Isso no decorrer da pesquisa ficou explícito tanto na fala do coordenador do quilombo quanto ao nos depararmos com a falta de crianças brincando nas ruas/estradas e quintais.

**Palavras-chave:** Brincar. Comunidade quilombola. Criança.

### 1. Introdução

Este texto apresenta dados da pesquisa que estamos desenvolvendo para a conclusão do curso de Pedagogia na Universidade Estadual no Sudoeste da Bahia (UESB), campus de Vitória da Conquista. A pesquisa tem por objetivo analisar as brincadeiras das crianças quilombolas da comunidade do Ginete, localizada na cidade de Barra da Estiva-Bahia. O interesse pelo tema surgiu a partir da curiosidade de conhecer as brincadeiras das crianças da comunidade quilombola, da qual pertença. Este quilombo faz parte da vida, história e principalmente da infância de uma das pesquisadoras. Desse modo, há um sentimento muito particular e de pertencimento, e ao buscar conhecer as brincadeiras infantis daquela localidade, fez a mesma lembrar das que fizeram parte da infância e que é guardado na memória.

Além disso, a escolha faz parte também das nossas inquietações diante do brincar, este que:

[...] é uma das condições necessárias à existência da criança. Aprofunda sua inserção no ambiente social, permitindo o exercício da construção do próprio conhecimento, em um ensaio para a humanização da vida, pela convivência com as contradições que cercam o mundo real (COSTA, 2010, p. 09).

Nesse caso, compreende-se a necessidade de dar mais visibilidade a esta ação e os benefícios que o brincar traz para a vida de uma pessoa, principalmente no que se refere ao seu desenvolvimento integral.

As brincadeiras quando vivenciadas livremente pelo brincante, passam a ser algo mais prazeroso, sozinhas ou em grupos as crianças escolhem as brincadeiras, os brinquedos e jogos, assim como as regras e como elas serão conduzidas. Nas brincadeiras cotidianas, especialmente nas ruas, em espaços mais amplos, normalmente não há apenas um tipo de brincadeira ou jogo, as crianças escolhem aqueles que mais lhe chamam a atenção naquele momento, são todas conduzidas, pensadas, fantasiadas e exploradas por elas, ou seja, há uma liberdade de escolha. Como afirma Figueiredo (2017, p. 15): “[...]<sup>1</sup>a criança ao brincar se envolvem em sérias negociações, interações, discussões que não estão soltas no tempo e no espaço. Essas relações que estabelecem enquanto brincam, estruturam ações e delimitam espaços de convivência”.

Além disso, as brincadeiras e jogos infantis são demonstrações dos modos como as crianças agem, interagem e se apropriam do mundo ao qual fazem parte, ou seja, “[...] nas brincadeiras elas perpetuam suas culturas e sobrevivem ao tempo revelando seu modo de perceber ou outra maneira de pensar o mundo. O brincar tem sido a confluência de suas aspirações, frustrações, desejos, imaginação e criatividade” (FIGUEIREDO, 2017, p. 72).

Nessa perspectiva, Costa (2010), afirma que:

Brincar é por excelência o modo de ser da infância. A relação da criança com o brincar revela um estreito e complexo campo de possibilidades criativas que, motivando pela sedução de desvendar um mundo ainda desconhecido, estabelece entre ambos uma relação de cumplicidade, produto dos sentimentos de felicidade e prazer. (COSTA, 2010, p. 13).

Desse modo, o brincar não é simplesmente uma atividade fútil e uma perda de tempo para a criança, como é considerado “o pano de fundo da vida social da criança”. (COSTA, 2010, p. 10).

---

<sup>1</sup> Conforme original

No século atual, já se reconhece a criança como ela é, há um sentimento de cuidado e proteção em relação a elas. No entanto,

[...] Hoje se sabe muito sobre a criança, suas necessidades, suas etapas de desenvolvimento, seus modos de pensar e apreender o mundo, porém, geralmente são as nossas aspirações enquanto adultos que são tomadas em conta na estrutura e organização social de sua existência. (FIGUEIREDO, 2017, p. 66).

Interferências do adulto na vida da criança, que ocorre de diversas maneiras, não são difíceis de encontrar. Em relação às brincadeiras, elas podem acontecer desde o momento em que escolhem quais se devem brincar, o tempo, espaço e sua organização. Todas as decisões correspondentes a elas só podem ser tomadas por eles, os adultos. Além de haver aqueles que muitas vezes enxergam as brincadeiras infantis como inúteis, passatempo e sem importância alguma. Mas isto não é:

[...] querer minimizar a importância do papel do adulto na vida e formação da criança, é preciso refletir acerca da ampla tendência que temos, enquanto adultos, a pensar que somos nós que decidimos o que é melhor para ela sem muitas vezes consultá-las. Essa forma de pensar a criança como incapaz de decidir sobre sua própria existência, se estabeleceu historicamente por meio das diferentes formas de concebê-las. Ainda hoje a sociedade parece perdida em meio à ambiguidade de perspectivas que, de um lado lhes dão visibilidade na sociedade (alvo de políticas públicas), por outro desconsideram suas potencialidades de cidadã plena. (FIGUEIREDO, 2017, p. 66).

A criança precisa ser compreendida como um ser histórico, que não é incapaz e que pode fazer escolha. Um ser que é dotado de cultura, capaz de criar, recriar e de demonstrar seus interesses, motivações e autonomia, especialmente através das suas brincadeiras.

A partir disso, a presente pesquisa tem como objetivo geral conhecer como é o brincar e quais são as brincadeiras das crianças quilombolas da comunidade do Ginete. E como objetivos específicos, conhecer a história da comunidade quilombola a ser pesquisada; verificar como são as brincadeiras das crianças; compreender qual a importância de tais brincadeiras para essas crianças e analisar as brincadeiras mais frequentes delas.

## 2. Metodologia

Com o intuito de atingir os objetivos almejados, foi feita uma pesquisa de cunho qualitativo. Esta abordagem possibilita que o pesquisador tenha uma maior aproximação, exploração e compreensão do objeto estudado. Além disso, a pesquisa qualitativa não tem a

preocupação com os resultados numéricos, os dados que se procura analisar têm o objetivo de aprofundar e buscar novas informações sobre a temática (SILVEIRA; CÓRDOVA, 2009).

Desse modo, a pesquisa qualitativa procura analisar e compreender os “[...] aspectos da realidade que não podem ser quantificados, centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais [...]” (SILVEIRA; CÓRDOVA, 2009, p.32). Nessa perspectiva metodológica:

A justificativa para que o pesquisador mantenha um contato estreito e direto com a situação onde os fenômenos ocorrem naturalmente é a de que estes são muito influenciados pelo seu contexto. Sendo assim, as circunstâncias particulares em que um determinado objeto se insere são essenciais para que se possa entendê-lo. Da mesma maneira as pessoas, os gestos, as palavras estudadas devem ser sempre referenciadas ao contexto onde aparecem. (LUDKE; ANDRÉ, 1986, p. 12).

Partindo deste pressuposto, entende-se que o pesquisador possui um papel fundamental na investigação, pois o seu contato direto, e por um período significativo com o ambiente e objeto a ser investigado, é algo essencial e determinante.

Ademais, é de suma importância que o pesquisador, antes de entrar no cenário investigativo, determine as técnicas que serão utilizadas. Como afirma Lakatos e Marconi (2003, p. 186): “determinar as técnicas que serão empregadas na coleta de dados e na determinação da amostra, [...] deverá ser representativa e suficiente para apoiar as conclusões.” Nesse caso, para a coleta de dados adotamos como instrumentos a observação direta das brincadeiras das crianças, que foram filmadas, fotografadas, gravadas e registradas no Diário de Campo; e entrevistas semiestruturada com crianças de três até doze anos de idade e moradores antigos da comunidade. As observações ocorreram no período de 22/02/2020 a 27/02/2020, e todo esse processo investigativo foi registrado no Diário de Campo. Não foi possível a realização de mais dias de observação, por conta da atual situação de pandemia (Covid-19) no país.

O uso de fotografias foi bastante significativo para a elaboração da análise de dados, ainda mais que elas “[...] colaboraram na produção do conhecimento sobre o brincar dessas crianças” (SILVA, 2016, p. 33). Além disso, “[...] a fotografia, no processo de interlocução com as crianças, tem esse papel de facilitar a produção de significados e sentidos que parte do que está representado na imagem e dialoga com a vivência da criança (SILVA, 2016, p. 37).

Ademais, a observação para Barros e Lehfel (2010, p. 76), “é uma das técnicas de coleta de dados imprescindível em toda pesquisa científica. Observar significa aplicar atentamente os sentidos a um objeto para dele adquirir um conhecimento claro e preciso”.

Não consiste somente em ver e ouvir, mas em verificar fatos ou fenômenos que querem estudar (LAKATOS; MARCONI, 2003).

A entrevista, por sua vez, foi fundamental pelo fato dela ser “uma técnica que permite o relacionamento entre entrevistado e entrevistador” (BARROS; LEHFELD, 2010, p. 81). Proporciona uma interação entre ambos no decorrer das falas, “[...] havendo uma atmosfera de influências recíproca entre quem pergunta e quem responde [...]”. (LUDKE; ANDRÉ, 1986, p. 33).

A entrevista semiestruturada, que foi utilizada, “[...] se desenrola a partir de um esquema básico, porém não aplicado rigidamente, permitindo que o entrevistador faça as necessárias adaptações” (LUDKE; ANDRÉ, 1986, p. 34). Dessa maneira, essa técnica foi muito significativa e proporcionou as informações necessárias para o andamento desta pesquisa. Esta foi direcionada a crianças e moradores antigos do quilombo, foi uma forma de buscar informações, como: de que maneiras as brincadeiras das crianças ocorrem e são organizadas, de que elas mais brincam, se há um resgate das brincadeiras que seus antepassados brincavam na infância.

Foram entrevistadas 14 crianças e 5 adultos. Vale destacar que os mesmos são identificados por nomes fictícios: crianças, Ana, Paulo, Taty, Milena, Felipe, Brenda, Luiza, Bruno, Mara, Malu, Maicon, Bruno, Gustavo e Paula; adultos, Maria, Rodrigo (coordenador da comunidade), Manoel, Marli e Zé.

### **3. O brincar das crianças quilombolas da comunidade do Ginete**

#### **3.1. A comunidade quilombola do Ginete**

A comunidade quilombola do Ginete está situada no município de Barra da Estiva-Bahia, uma distância de aproximadamente 20 quilômetros da mesma. O quilombo possui 65 famílias, totalizando trezentos e cinquenta moradores.

A comunidade deu início ao processo de reconhecimento como quilombo no ano de 2008, mas a certificação da Fundação Palmares só foi concedida em 2016. Este reconhecimento proporcionou mudanças significativas referentes à conquista de políticas públicas voltadas para o bem-estar da comunidade e para a construção da sua identidade negra.

Sua cultura e costumes são preservados pelos moradores. Predomina o reisado, em todo final de ano, entre o dia primeiro e seis de janeiro, um grupo sai cantando em casas de

diferentes lugares. Nessas ocasiões, eles arrecadam dinheiro para a festa (reza), que acontece depois dessas apresentações. Esta é uma festividade compartilhada por todos da comunidade. Há também a quadrilha junina, que ocorre no mês de junho; a capoeira; o samba de roda. E organização de outras representações culturais organizadas para apresentar no Dia da Consciência Negra, que ocorre no dia 20 de novembro.

Atualmente, não tem uma escola no quilombo, as crianças estudam em uma outra comunidade próxima que não é quilombola.

O terreno que a comunidade ocupa possui diversos espaços amplos e livres, nos quais, as crianças podem brincar facilmente. Tem uma praça coberta, uma estrada pela qual não passa nenhum veículo, os quintais das casas, embaixo de árvores, o campo de futebol, o antigo prédio, que funcionava como escola antigamente, dentre outros locais escolhidos pelas crianças.

A maior parte das famílias do Ginete trabalha em roças e lavouras dentro da comunidade, os filhos dessas pessoas também vão, mas não é para trabalhar e sim porque não têm com quem deixá-los ou porque querem ir. Lá eles ficam brincando, seja embaixo das árvores ou não, até o momento em que os pais voltam para suas casas. No entanto, há moradores que trabalham na cidade ou são aposentados.

As crianças são livres para transitar por todos os espaços dentro da comunidade, podem explorar todos eles com suas brincadeiras, imaginação e criação. Algumas mães acabam entrando na brincadeira também, na fantasia criada pelas crianças. Outras preferem a contação de histórias ou ensinar jogos e brincadeiras que fizeram parte de sua infância.

### **3.2 As brincadeiras no cotidiano das crianças da comunidade quilombola do Ginete**

Durante nossa permanência em campo, pudemos observar as brincadeiras mais frequentes das crianças. Um ser social, portadoras de cultura, carregam consigo manifestações tradicionais do seu meio social. Ao brincarem de cantigas de roda, resgatam, elaboram e reelaboram do seu jeito aquilo que foi transmitido, tanto oralmente quanto em ações pelos adultos. Várias crianças se reúnem em círculos e começam a rodar e cantar diferentes cantigas; crianças pequenas e maiores, meninos e meninas participam desse momento.

Avistei algumas crianças brincando em frente a uma casa, na qual estas são todas próximas e o espaço é bem amplo [...] brincavam de cantiga de roda, uma das brincadeiras transmitidas pelos adultos da comunidade. Suas

brincadeiras aconteciam de modo livre e espontâneo (DIÁRIO DE CAMPO, 2020).

Além disso, as crianças não se prendem a brinquedos industrializados, por mais que estes estejam inseridos em seu contexto, como é o caso de carrinhos, bonecas, velocípede, bola; outros objetos também servem como elementos para brincarem.

Diante do exposto:

[...] é possível inferir que a presença de brinquedos fabricados [...] e a presença de elementos disponíveis na natureza imprimem, de forma articulada, marcas singulares no brincar da criança [...] que brincam com o que tem disponível, mas também transformam a realidade, criando formas de brincar, para dar respostas aos seus anseios, aos seus desejos ou às suas dúvidas (SILVA, 2016, p. 95).

O pneu e um volante de carro que os adultos não usavam mais, transformaram-se, no imaginário das crianças da comunidade, em um carro, e saíram rolando este objeto por diversos lugares e correndo e correndo atrás do mesmo como se estivessem dirigindo. Esta brincadeira foi a mais frequente entre os meninos nos dias de observações.

O pilão, usado pelos adultos para pilar/pisar café, milho e coco, naquela ocasião virou uma moto, na qual duas crianças de cada vez subiam nele, uma fazia o papel de piloto, imitava o barulho da moto, e a outra segurava a sua cintura, e imaginavam estar passeando pelas estradas/ruas.

As crianças criam e fantasiam histórias a partir das experiências adquiridas pelos adultos inseridos a sua volta. Ao brincar de casinha, por exemplo, demonstram o seu modo de exteriorizar o que é vivido e internalizado no seu cotidiano. Através do seu imaginário, reelaboram a rotina e cuidado da família, interpretam o papel da mãe, do pai e do filho. As meninas, brincando com bonecas, fazem de conta que estas são suas filhas, e cuidam delas da mesma maneira que são cuidadas pelas próprias mães. Igualmente, nas brincadeiras de “escolinha”, as crianças fazem a representação da sua realidade e experiências na escola, reproduzem a partir das vivências, a função da professora e dos alunos no âmbito escolar.

Algumas meninas brincam de escolinha na praça, uma faz o papel da professora e as demais de alunas, no entanto, não observei tanto este momento delas, pois ficaram com vergonha pelo fato de serem filmadas e logo pararam de brincar, umas foram embora e outras ficaram me observando (DIÁRIO DE CAMPO, 2020).

Diante disso, a presença do faz de conta é constante nas formas de brincar, como foi possível observar em uma criança brincando debaixo de uma árvore.

[...] na areia, com carrinhos de plásticos, industrializados, e outro feito manualmente com lata. Tinha também uns animais de brinquedos como cavalos e bois. O mesmo fantasiava estar carregando esses animais nos carros e depois faz um “curral” com alguns pauzinhos para colocar os mesmos dentro [...] Procurava ao seu redor, matos, fingindo estar buscando alimentos para os animais (DIÁRIO DE CAMPO, 2020).

Nesse contexto, Santos (2010) afirma que o faz de conta:

[...] apresenta a maneira como essas crianças compreendem o mundo em que vivem e o traduzem em seu brincar e na experiência com os outros, sejam adultos ou crianças. É no faz de conta que é possível perceber a produção e apropriação de cultura pela criança, onde ela constrói diferentes significados a respeito das situações e do mundo que a cerca, lançando mão da imaginação, interpretação e construção (ou reconstrução) de significados dos mais diversos comportamentos e movimentos (SANTOS, 2010, p. 233-234).

Com isso, Figueiredo (2017) ressalta que:

As formas organizacionais das brincadeiras [...] se estruturam internamente a partir da informação recebida do mundo, mas antes de serem atos de criação, são formas de comunicação que se exteriorizam numa linha muito tênue entre real e imaginário, o que torna as brincadeiras uma extraordinária forma de expressão (FIGUEIREDO, 2017, p. 76).

Nesse sentido, uma criança ao ser questionada sobre como aprendeu determinadas brincadeiras, afirmou: “Por causa dos povos que brincava antes [...]depois falô pra nós, aí nós brinca” (CRIANÇA GUSTAVO, 2020). Percebe-se aqui o valor cultural que algumas brincadeiras possuem. O jogo de futebol também é um exemplo das regras e conhecimentos transmitidos pelos adultos, no entanto, nem sempre as crianças usam todas as regras e organizações referentes a esse jogo. Elas deixam a brincadeira acontecer de acordo com as suas ações, não predeterminam o que é para ser feito, saem chutando a bola, tentando tomar do adversário, em diferentes locais, desde os quintais das casas até as estradas. A partir disso, entende-se as possibilidades e criatividade que as crianças têm para reinventar algo que foi adquirido conforme as ações da sociedade em que estão inseridas. Ou seja, elas além de mesclar “[...] novas brincadeiras com tradicionais, incorporam mudanças àquelas que aprenderam com os adultos e desse modo a transmissão cultural se faz e se refaz [...]” (FIGUEIREDO, 2017, p. 83).

Durante as observações, percebi que a maior parte das crianças brinca no turno matutino. As escolhas das brincadeiras ocorriam de formas aleatórias, elas iam se agrupando com determinados brinquedos, em diversos lugares, interagindo entre elas, não se prendendo somente a uma única brincadeira, mas muitas vezes acontecia também de elas brincarem em

mais de uma. No mesmo instante em que algumas brincavam de escolinha em um grupo, já estavam brincando de velocípede, bola ou de bonecas em outro.

Não foi perceptível uma forma de brincar preferida nem rejeição de brincadeiras, ou seja, não queriam participar somente de uma em especial, brincavam todos juntos, não nomeavam brincadeiras de meninos e de meninas (exceto de boneca), havia a possibilidade de todos participarem de todas.

E as crianças não pediam permissão para entrar na brincadeira, não existia um líder, alguém que manda ou determina o modo de brincar ou de jogar, elas se inseriam rapidamente e com interatividade, compartilhavam os brinquedos e suas imaginações criativas. Acrescentamos ainda que em todos os espaços e brincadeiras as crianças tinham total liberdade de escolha, expressão e imaginação. Não havia interferências de adultos, tudo era conduzido pelas mesmas.

O modo como elas fantasiam o mundo ao seu redor é inigualável, cada uma possui sua singularidade, experiências e conhecimentos, mas quando se socializam nas brincadeiras, criam um espaço de coletividade, tornando esses momentos ainda mais significativos.

#### **4. Considerações finais**

Ao longo da história, sobretudo a partir do século XX, as crianças foram deixando o anonimato. Diversas investigações contribuíram para lhes dar visibilidade, no entanto, foi nos estudos no campo da sociologia da infância que elas começaram a ser compreendidas e ganharam mais destaque, sendo reconhecidas como sujeito histórico social, portadoras de culturas e não um adulto em miniatura. Sua atuação no meio em que vivem não é mera imitação da vida ou dos adultos, é seu modo de participar e de intervir na sociedade.

As crianças, portanto, são atores e autores de suas culturas, e manifestam aquilo que foi internalizado. Essas manifestações, na maioria das vezes, são expressas nas brincadeiras, ato que pode dizer muito sobre elas, pois através do brincar as crianças demonstram suas experiências, formas como compreendem o mundo e as vivências no seu meio cultural.

Durante o percurso investigativo desta pesquisa, evidenciamos que nas brincadeiras das crianças da comunidade quilombola do Ginete há essa manifestação cultural herdada pela coletividade do seu meio, ou seja, em algumas elas externalizam o que foi apreendido no seu dia a dia ou ensinado por alguém. Para tanto, usam suas próprias expressões para mostrar o que foi internalizado, produzindo e reproduzindo de acordo com suas experiências.

Além disso, constatamos que as tecnologias, muito presentes na atualidade, fazem parte do cotidiano dessas crianças, que deixam muitas vezes de brincar, viver em interatividade e coletividade com outras crianças do seu meio e de demonstrar suas vivências para ficar assistindo TV, jogando e interagindo em redes sociais nos celulares ou tablets. Isso no decorrer da pesquisa ficou explícito tanto na fala do coordenador do quilombo quanto ao nos depararmos com a falta de crianças brincando nas ruas/estradas e quintais.

Consideramos que essa questão reflete o que ocorre na sociedade nos dias atuais, na qual, cada vez mais, a tecnologia vem ganhando espaço na vida das crianças, fazendo com que as brincadeiras tradicionais caiam no esquecimento. Acrescentamos que para a grande maioria os jogos virtuais, criados para prender a atenção das pessoas, são tidos como mais atraentes do que essas brincadeiras. E em vez de se encontrarem pessoalmente para brincar, os encontros em alguns jogos ocorrem virtualmente.

No entanto, observamos que, por mais que haja uma inserção constante da tecnologia na vida das crianças, ainda existem aquelas que valorizam o brincar tradicional, que se permitem viver as múltiplas experiências que essas brincadeiras lhes proporcionam.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARROS, Aidil de Jesus Paes de; LEHFELD, Neide Aparecida de Souza. **Projeto de pesquisa: propostas metodológicas**. 20. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

COSTA, Regina Rodrigues da. **O valor social do brincar para a criança: Análise da brincadeira de rua na comunidade da Cachoeira-Guarujá S.P.** 2010. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

FIGUEIREDO, Ângela Maria Rodrigues de. **Crianças e territorialidades: As brincadeiras nas ruas do bairro da União em Parintins/AM.** 2017. Tese (Doutorado) Universidade Federal do Amazonas, Manaus/AM.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 5.ed. São Paulo: Atlas, 2003.

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

SANTOS, Maria Walburga dos. **Saberes da Terra**. O lúdico em Bombas, uma comunidade quilombola (estudo de caso etnográfico). 2010. Tese (Doutorado) Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, São Paulo.

SILVA, Carmem Virgínia Moraes da. **O brincar das crianças do campo e a educação infantil**. 2016. Tese (Doutorado) Universidade do Estado da Bahia, Salvador.

SILVEIRA; Denise Tolfo; CÓRDOVA, Fernanda Peixoto. A pesquisa científica. In: GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. (orgs.). **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.